

# Meu voto será para o Lula

» CARLOS MÁRIO DA SILVA VELLOSO

Ministro aposentado ex-presidente do Supremo Tribunal Federal (STF) e do Tribunal Superior Eleitoral (TSE)

Indaga-me o Correio, se votarei amanhã no Lula e, se positiva a resposta, por que eu assim procederia. Minha resposta é positiva. Mas antes quero esclarecer que nunca votei em Lula. Não sei se sou centro-direita ou centro-esquerda, mesmo porque esquerda e direita, no nosso país, nem sempre correspondem ao que seria, na realidade, esquerda e direita.

Se ser de esquerda é ter consciência social, desejar que seja assegurada assistência aos pobres, proporcionando-lhes oportunidade para que possam crescer, ter condições, por exemplo, de ingressar na universidade pública, ter um bom serviço de saúde e de segurança pública e, se ser de direita é desejar compatibilizar igualdade, em termos materiais, com liberdade, mas sem pensar em “laissez faire”, não sou, na realidade, de direita; quero a democracia social em termos europeus. Noutras palavras, tenho em mira o capitalismo europeu e não o norte-americano.

Dou as razões pelas quais o meu voto será para o Lula.

A jornalista Vera Magalhães, no seu artigo da última sexta-feira, “Brasil: ontem, hoje e amanhã” (“O Globo”, 28.10.2022), escreve que, nas eleições deste domingo, poderá ocorrer uma mudança de era. E que nessa mudança o que estará em jogo é a vigência plena da democracia. E que o risco “de uma vitória de Bolsonaro solapar a normalidade institucional,” é que “levou forças tão distintas do espectro político, da esquerda à centro-direita, a se reunir” e declarar seu voto em Lula.Perfeita a

afirmativa. Primeiro que tudo, é bom observar que a chapa é Lula para presidente e Geraldo Alckmin para vice. Ora, em Alckmin, muitos de nós já votamos. Alckmin foi prefeito, foi governador de São Paulo, o Estado que tem um sistema econômico eficiente e poderoso.

A chapa Lula-Alckmin recebeu a adesão entusiasmada de Fernando Henrique e dos economistas do “plano real”, dentre outros nomes notáveis, Armínio Fraga, Lara Resende, Edmar Bacha, Pêrsio Arida, André Lara Resende, Pedro Malan. E Henrique Meirelles, que no primeiro mandato de Lula, consolidou a aplicação do Plano Real. E, mais à frente, ministro da Fazenda do governo Temer, pôs ordem na economia. A inflação, então de dois dígitos (10,06), foi reduzida para menos de sua meta, 4,5. Contra Lula pesa, não se pode contestar, a acusação de que no seu governo foi praticada a corrupção. Lula chegou a ser condenado.

Mas contra o governo de Bolsonaro pesa a acusação de corrupção semelhante e até maior do que aquela em que se embasou a acusação conhecida como a do “mensalão”, isto é, a instituição do orçamento secreto, orçado em mais de 31 bilhões. Bolsonaro vetou a primeira iniciativa. Mas o exame do que o governo fez depois o envolve na instituição desse famigerado orçamento.

Sim, Lula foi condenado. Sua condenação, entretanto, foi anulada. E anulada pelo Supremo Tribunal Federal. Lula chegou a ser preso. Passou mais de um ano na cadeia. Lula hoje me parece outro homem. Tem se aliado a nomes respeitáveis. Não acredito, porque

acredito na natureza humana, que num novo governo dificilmente poderão ocorrer fatos semelhantes aos ocorridos no seu segundo governo, em que se embasaram as acusações de corrupção.

Mas o que considero razão maior do voto em Lula, é que Bolsonaro parece desejar repetir o que fez Chávez, na Venezuela. Bolsonaro fala em “enquadrar o Judiciário”, quer armar os seus seguidores, mistura religião e política, quer a exploração econômica da Amazônia, lembra Vera Magalhães. E cria ele factóides quanto ao processo eleitoral, levantando dúvida sobre o árbitro do pleito democrático, a Justiça Eleitoral, criada em 1932 e, pela primeira vez, nesses 90 anos de sua existência, vítima de aleivosias. A urna eletrônica, criada em 1995-1996, utilizada, pois, há mais de vinte e cinco anos, sem qualquer evidência ou indício sério de fraude, foi posta em dúvida por Bolsonaro. A urna eletrônica, concebida pelos brasileiros de boa vontade, e cuja criação contou com a ajuda das Forças Armadas, que nos mandou técnicos nomeados, integrantes dos serviços de informática do Exército e da Marinha e de notável professor do Instituto Tecnológico da Aeronáutica. E mais, com técnicos do Instituto de Pesquisas Aeroespaciais (Inpe), aliados aos técnicos do TSE, dos TREs, da Telebras e de outros respeitáveis órgãos públicos.

Eu votei, em 2018, no segundo turno, em Bolsonaro. Não fazia ideia do que viria depois. Não repetirei o voto equivocado. Vou votar no Lula, pensando nos nossos filhos e netos, pensando no nosso país.



## Por que o Bolsonaro?

» MARCO AURELIO MELLO

Ministro aposentado do Supremo Tribunal Federal (STF)

Em 2002, buscando alternância social, votei no candidato Luiz Inácio Lula da Silva. Ante a substituição do presidente Fernando Henrique Cardoso, mereci charge de Paulo Caruso, na Revista IstoÉ, de 27 de maio de 2002. Nela, estou na porta de um restaurante, com a faixa presidencial no peito e chegando, com mala de viagem com etiquetas Spain e Italy o titular da Presidência. Tabuleta anunciando o cardápio “Hoje frutos do mar – Lula”. O título “Avenida Brasil”, subtítulo “em... Interinidade indigesta”. Nela foi lançada dedicatória, de próprio punho: “Ao amigo ministro Marco Aurelio, com abraço do amigo Lula, 29/10/02”. Renovei o voto na reeleição, em 2006.

Em julho de 2017, fechei Seminário de Verão na Universidade de Coimbra e discorri sobre a tendência mundial de eleger candidato populista de direita. Falei sobre o perfil, mencionando Polônia, Hungria e Estados Unidos. Disse temer pelo Brasil – eleger presidente da República, nas eleições do ano seguinte, o deputado federal Jair Bolsonaro que fizera a caminhada batendo em minorias. Página hoje virada, ante a mudança de postura, para o bem, no exercício da Presidência, persistindo os arroubos de retórica. É conferir os Anais da Universidade de Coimbra. Nas eleições de 2018, votei no candidato Fernando Haddad, do Partido dos Trabalhadores.

Nestas eleições, anunciei que votaria em quem estivesse, nos levantamentos, em terceiro lugar. O voto foi, no primeiro turno, em Ciro Gomes, candidato que tão bem conhece, como poucos, as entranhas brasileiras. A apuração desaguou na atualidade.

Bolsonaro, na busca da reeleição, segundo colocado, e Lula em primeiro lugar, sem alcançar a maioria exigida constitucionalmente — metade mais um dos votos válidos.

Com pureza d’alma e tendo a coragem como síntese de todas as virtudes, norte de 42 anos em colegiado julgador, recorde que dificilmente será batido — iniciei o ofício de juiz em 1978, no Tribunal Regional do Trabalho da Primeira Região, chegando, em 1981, ao Tribunal Superior do Trabalho, com idade mínima de 35 anos, e ao Supremo em 1990, sendo alcançado, em 2021, pela expulsória dos 75 anos, venho dizendo que, no segundo turno, próximo domingo, votarei no atual presidente.

Indaga-se, a razão da guinada. É simples, muito simples: como ex-juiz não posso subscrever o nome de quem, durante oito anos foi presidente da República e teve o perfil político manchado pelos célebres casos mensalão e Lava-Jato. Que veio a ser condenado a substancial pena de reclusão, executada em parte. Dir-se-á que o Supremo anulou os processos-crimes. No julgamento fui, com outros colegas, voto vencido. Nos bancos da nacional de direito, e acredito ter sido bom aluno, aprendi que incompetência relativa preclui, ao contrário da absoluta, exemplo a em razão da matéria. A territorial é, sabidamente, relativa. Foi sepultada com o término dos processos-crimes relativos a delitos contra a administração pública — corrupção e lavagem de dinheiro. Mas o Supremo, na voz da sempre ilustrada maioria, bateu o martelo, vindo a resuscitar, politicamente, o candidato Lula,

gerando polarização que inviabilizou a terceira via. O absolveu? A resposta é desengadamente negativa. Em habeas corpus, via instrumental afunilada, assentou, por maioria, a existência de direito líquido e certo de ser julgado pela Justiça Federal não do Estado do Paraná, mas da capital do país — Brasília. Deu o dito, pelo não dito, ficando em segundo plano a dinâmica e a organicidade do Direito. Em colegiado, órgão democrático por excelência, há somatório de forças técnicas e humanísticas distintas. Nisso, os integrantes complementam-se mutuamente. Vence a maioria e proclamado, no pleno, o resultado do julgamento, esgotada a fase dos embargos declaratórios, cabe a observância.

O fato não afasta a consciência do eleitor, na análise da vida dos candidatos. Eis as razões pelas quais, no domingo, 30 de outubro de 2022, embora aos 76 anos de idade o voto não seja obrigatório, cumprirei o direito dever de eleger o representante maior, sufragando o nome do candidato Jair Messias Bolsonaro, que vem de obter expressiva vitória nas eleições para a Câmara dos Deputados e Senado da República, com vários ex-ministros eleitos, destacando-se a figura ímpar do vice-presidente Mourão, Senador pelo brioso Estado do Rio Grande do Sul. O fato sinaliza o bom trabalho desenvolvido. Com a palavra os eleitores. O eleito há de ser diplomado, tomar posse e entrar em exercício, atento às mazelas nacionais que tanto nos envergonham. Que assim o seja, com avanço cultural, mediante a constante busca de dias melhores para a sofrida República retratada pelo Brasil.

### Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

## Fio de luz

Um dos problemas na escolha de uma cor é que, ao apontar aquela que lhe agrada, você, automaticamente, descarta milhões de outras. Os antigos já ensinavam: “Quem acerta no alvo, perde todo o entorno”. A vida nesse caso, parece se constituir numa sucessão infinitas de escolhas. Seguir o caminho que leva ao vale e não o segue pela montanha, impede que você veja contemple a paisagem tal qual ela é vista pelos pássaros.

No poema infantil *Ou isto ou aquilo*, composto por Cecília Meireles em 1964, a imposição de ter que escolher, mostra bem que a cada escolha corresponde, no mesmo sentido e intensidade, uma perda. “Ou se tem chuva e não se tem sol, /ou se tem sol e não se tem chuva!/Ou se calça a luva e não se põe o anel, /ou se põe o anel e não se calça a luva!/Quem sobe nos ares não fica no chão, /quem fica no chão não sobe nos ares./É uma grande pena que não se possa estar ao mesmo tempo nos dois lugares!/Ou guardo o dinheiro e não compro o doce, /ou compro o doce e gasto o dinheiro./Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo... e vivo escolhendo o dia inteiro!/ Não sei se brinco, não sei se estudo, /se saio correndo ou fico tranquilo./Mas não consegui entender ainda qual é melhor: se é isto ou aquilo.”

Podera esse tipo de preocupação de criança ser também a dos adultos, cujas escolhas não resultassem em prejuízos e perdas. De certo, não cabe à imprensa e às mídias informativas guiar o dedo dos eleitores na hora de apertar os botões da urna, embora tenha sido essa a missão que boa parte da mídia se autoconcedeu, como se as instituições fossem imantadas de poder e luz capazes de se converter num farol a iluminar os navegantes em noite de tempestade em alto mar.

A atual situação eleitoral, por seus desdobramentos e consequências totalmente surreais, parece requerer, mais do que nunca, um claro farol no alto do rochedo a indicar o caminho seguro. Se a partida corresponde ao passado; a travessia ao presente; e a chegada ao futuro, estamos como eleitores, nesse momento, imersos no esforço da travessia para alcançarmos, num futuro próximo, o instante da decisão.

Até lá, somos simples caminhantes, marchando ao encontro do isto ou do aquilo. Para aqueles que prosseguem nessa caravana, atentos ao redor, seguindo com o olhar o fio de luz do farol, que no seu giro de 360 graus ilumina, por alguns segundos, pontos e imagens perdidas lá atrás na paisagem, a cada clarão, é possível ver o ponto de partida, que é também o porto do passado. Nele, pode se ver ainda muitos sinais de escombros. Em alguns desses pontos, vê-se também e por breves segundos, sinais de fumaça, resultante dos incêndios que consumiram os livros e registros do passado. Livros que ensinavam coisas como ética e boas maneiras. Ensinavam como seguir em segurança, como evitar atalhes e como se precaver das soluções fáceis.

A biblioteca, com esses milhares de livros sobre saberes antigos, ensinava também como evitar e se precaver contra as fórmulas do passado. Sobreretudo aquelas que obrigaram as multidões a marcharem em meio à escuridão. O farol é como a lanterna a iluminar as ondas. É como se conseguíssemos ler, cada passar do fio de luz a frase de Samuel Taylos Coleridge: “A luz que a experiência nos dá é de uma lanterna na popa, que ilumina apenas as ondas que deixamos para trás”.

### » A frase que foi pronunciada

“Vote no candidato que tem o caráter mais parecido com o seu!”

Única frase consensual nessa eleição

### Consome dor

» Situação bastante perigosa no comércio central do Lago Norte, Conjunto 4. Pedacos de granito despencaram da fachada, colocando a vida dos consumidores em sério risco. Vejam as imagens no *Blog do Ari Cunha*.

### Agora, diferente

» Uma obra ainda moderna e pouco valorizada ao longo dos últimos anos. O Touring Club vai abrigar o Sesi Lab. A inauguração do novo espaço divulgador da arte e educação está agendada para o fim de novembro.

### Sem ócio

» Luís Cláudio França, organizador do projeto *Craque na Bola fica na Escola* comemora as aulas de futebol para crianças e jovens, meninos e meninas que frequentam as aulas da rede pública em Samambaia, Estrutural e Ceilândia.

### Leitura

» Belo trabalho de Elio Cantalicio Serpa e José Adilçom Campigoto *Filologia da civilização brasileira: a proposta de Afonso Arinos de Melo Franco*. Um exame de lupa na obra de Arinos *Conceito de Civilização Brasileira*.

### » História de Brasília

*Amanhã na TV-Brasília, às 21 horas, vamos comentar a situação das professoras, e mostrar o que acontece no Setor de Residências Econômicas, que você conhece como “Gavião”. (Publicada em 11/3/1962)*